

## 6

## Considerações Finais

*Sonnet – To Science*

*Science! true daughter of Old Time thou art!  
 Who alterest all things with thy peering eyes.  
 Why preyest thou thus upon the poet's heart,  
 Vulture, whose wings are dull realities?  
 How should he love thee? or how deem thee wise?  
 Who wouldst not leave him in his wandering  
 To seek for treasure in the jewelled skies,  
 Albeit he soared with an undaunted wing?  
 Has thou not dragged Diana from her car?  
 And driven the Hamadryad from the wood  
 To seek a shelter in some happier star?  
 Hast thou not torn the Naiad from her flood,  
 The Elfin from her green grass, and from me  
 The Summer dream beneath the tamarind tree?  
 (Edgar Allan Poe, **Poems Written in Youth**).*

Platão termina o **Teeteto**, seu diálogo sobre a definição do que seja conhecimento e sobre como conhecer, de uma forma um tanto quanto poética, pois a comparação, por Sócrates, do que fora discutido e formulado a um “vento que não merece ser criado” aponta para uma criação inesgotável, oriunda de um conhecimento que nunca se alcança, de um parto que não termina. Acusado, Sócrates responderá no dia seguinte às incriminações que o apontam como um subversivo<sup>151</sup>. Qual a subversão socrática? Ora, Sócrates desconstrói o saber e conduz ao parto do novo, daquilo que, já estando no sujeito grávido, era-lhe desconhecido. Contudo, Platão crê que esse desconhecido seja, na verdade, algo esquecido, uma reminiscência dos percursos da alma pelo infinito, pelo mundo das idéias. Ou seja, a pessoa sabe toda verdade, mas a esqueceu. Freud, superando um período em que acreditou que as reminiscências podiam conduzir a fatos históricos efetivamente ocorridos na vida de seus pacientes, percebe posteriormente que a

<sup>151</sup> O próprio Sócrates no diálogo platônico intitulado *Defesa de Sócrates* lê as acusações constantes em seu processo: “Sócrates é réu de pesquisar indiscretamente o que há na terra e nos céus, de fazer que prevaleça a razão mais fraca e de ensinar aos outros o mesmo comportamento” (Platão, 1972, p.15) e “Sócrates é réu de corromper a mocidade e de não crer nos deuses em que o povo crê e sim em outras divindades novas” (Platão, 1972, p.20). Trocando em miúdos, Sócrates ameaçava o *status quo* ao propor pensar.

história não se faz de trás para frente, mas da frente para trás, *a posteriori*. A poesia, entendida aqui como fundadora de uma nova história e re-velando outros sentidos para o absurdo, emerge como possibilidade de re-contar, de re-fazer a história, de re-criar os deuses. O questionamento socrático, mesmo que partindo de uma verdade eterna a ser recordada, trazia em seu fazer, em sua *práxis*, a semente da desconstrução.

Teeteto: Então, dize o que pretendias há pouco, ao me formulares tuas perguntas.

Sócrates: Meu filho, se a adjunção da explicação racional implica o conhecimento da diferença, não a simples opinião, admirável viria a ser essa bela explicação de conhecimento. Conhecimento é adquirir conhecimento, não é isso mesmo?

Teeteto: Certo.

Sócrates: Logo, se perguntarem a esse indivíduo o que é conhecimento, ele responderá que é a opinião certa aliada ao conhecimento, seja da diferença ou do que for. Desse modo, Teeteto, conhecimento não pode ser nem sensação, nem opinião verdadeira, nem a explicação racional acrescentada a essa opinião verdadeira.

Teeteto: Parece mesmo que não é.

Sócrates: E ainda estaremos, amigos, em estado de gravidez e com dores de parto a respeito do conhecimento, ou já se deu a expulsão de tudo?

Teeteto: Sim, por Zeus! Com a tua ajuda, disse mais coisas do que havia em mim.

Sócrates: E não declarou nossa arte maiêutica que tudo isso não passa de vento que não merece ser criado?

Teeteto: Declarou.

XLIV – Sócrates: Se depois disto, Teeteto, voltares a conceber, e conceberes mesmo, ficarás cheio de melhores frutos, graças à presente investigação. Mas, se continuares vazio, serás menos incômodo aos de tua companhia, porque mais dócil e compreensivo, visto não imaginares saber o que não sabes. Isso, apenas, é que minha arte é capaz de fazer, nada mais; nem conheço o que os outros conhecem, esses grandes e admiráveis homens do nosso tempo e do passado. A arte de partejar, eu e minha mãe, foi de um deus que a recebemos: ela, para as mulheres; eu, para os adolescentes de boa origem e para os dotados de qualquer beleza. Agora, preciso ir apresentar-me ao pórtico do Rei, a fim de responder à acusação que Méleto formulou contra mim. Amanhã, Teodoro, voltaremos a encontrar-nos aqui mesmo.

(Platão, s/d, p.38).

Sócrates será condenado à morte. Ao refutar o saber dos sábios e instigar a busca permanente de um conhecimento, uma busca inesgotável, Sócrates molesta e transtorna a ordem, tanto a epistemológica como a política. Pedra sobre pedra, o edifício da ordem é demolido, pois no seio do conhecimento, no seu âmago, no seu coração, na sua pedra fundadora, está um desconhecido, uma *différance*, um além

do além. O desconhecido retorna como enigma da origem e conseqüentemente da causa. Retorna no seio do humano cuja força vital articula-se desde a origem perdida, desde a poética dos neurônios, com a linguagem. Esse enigma que retorna é o espaço da re-velação poética, re-construção do mito e re-início da história, da ciência, da religião ou da narrativa pessoal. Esse desconhecido que era posto fora, no objeto a conhecer, inacessível na sua definição de outro ou de coisa-em-si, separado por fenda intransponível, por um abismo que apenas deus poderia suturar, depois se tornou interior, é o sujeito da ciência quem deve agora ser estudado e compreendido em sua formação para que se conheça o objeto, esse sujeito que se conhece e reconhece os próprios passos da formação do seu espírito, pois bem, esse sujeito soberano e lúcido, hegeliano em seu apogeu, Freud o atinge com golpe profundo e pungente. O sujeito freudiano porta na sua mais profunda raiz uma causa desconhecida, mas que o acompanha, atemporal, sem lugar definido, insistente em seu enigma. Nem o cronômetro nem o exame de Pet-Scan, tampouco o cálculo estatístico podem medir ou conhecer essa causa. É disso que não se mede e que não se define como próprio nem como alheio que se trata. Não apenas na psicanálise e na poesia, mas em todo discurso. Contudo, esse indefinido, esse fronteiro paradoxal precisou ser negado para que a vida pudesse alicerçar a si mesma, com vontade de saber e ordenar, tentando organizar o desejo e sua fúria, tentando driblar o medo da morte.

Os poetas sempre souberam que seu esforço, que seu ato poético, buscava expressar o que continuava para eles misterioso apesar de toda ordem e clausura, o que escapava e seguirá escapando ao conhecimento. Em que língua são escritas nossas primeiras sensações? O neurônio freudiano, escavado por sulcos originários apresenta uma primeira escrita em língua perdida. Qual o caminho a ser caminhado e em nome de quê? Eterno retorno dessa impressão que a poesia segue re-velando. Para expressar o hieróglifo é preciso criar nova língua, contudo a criação não é um ato soberano, mas sim um incessante movimento. Quando Vico e Heidegger consideram a poesia condição de possibilidade da linguagem, trata-se desse primeiro abrigo do ser. Os modelos metafóricos para essa arqui-origem são a própria re-criação da metáfora e re-invenção da língua. A poesia canta e re-canta,

cria e re-cria as palavras e textos, o eterno retorno do impossível, o devir incessante, nem meu nem doutro, como diz o poeta, “qualquer coisa de intermédio”.

Com Freud a narrativa humana não é lógica. Mesmo que o monumental e belo esforço do pai da psicanálise, esse novo lugar de produção de conhecimento, fosse por re-inventar a lógica ou criar, num raro golpe de gênio, novas categorias lógicas e conceituais nos moldes científicos, as suas criações e reflexões exigem outros mitos, seja pela re-leitura dos textos fundantes – e é claro que a Bíblia e Shakespeare como textos poéticos são fundantes! – seja pela própria invenção freudiana. Invenção que vai apontar como essenciais para uma narrativa, do sujeito e da cultura, o acontecimento estranho, o sintoma histérico, o erro, o sonho, a piada, o aparentemente sem sentido ou sem importância, enfim, o esquecido que deixou traços, a repetição incompreensível, o destino inexplicável. Interrogando o que escapulia ao padrão do conhecer oficial de sua época, apontando o que escapava ao padrão moral e pudor típicos de sua época, incansável como cientista e renovador como poeta, Freud apresenta o que não se representa na prosa, mas apenas re-vela-se na poesia que inventa um novo sentido, dá chão, mas no mesmo alento re-lança o enigma do mais além, a chegar, no futuro, se houver. Freud **explica** usando e fazendo poesia e, por isso, percebe nitidamente, por mais contraditório e dissonante que isso fosse com seu iluminismo, a complexidade e dificuldade de suas teorizações sobre a alma humana. A psicanálise parece-me ter um lugar essencial no esforço ético contra todo reducionismo, epistemológico ou moral, da complexidade dos acontecimentos humanos e contra a negação das questões básicas que um bicho homem precisa fazer para habitar sua vida.

\*\*\*

A prosa e a técnica, indissociadas, pragmáticas, normativas, fechadas avançam construindo um mundo com recursos tecnológicos maravilhosos, máquinas e medicinais incríveis e que vêm tornando a vida humana mais longa e confortável para os que têm acesso a elas. Contudo, a casa humana não é feita apenas com ciência, com prosa e cimento, com métrica e lógica. Há uma medida

íntima e estranha, essencial para o indivíduo e para o povo que constitui uma nação – ou gostaria um dia, o povo de um planeta plural -, medida não calculável, que alicerça toda obra. Se essa medida poética racha, as conseqüências são graves. Aponto por fim que a poesia segue re-velando e re-lançando, afinal, o outro indecível, fronteiro, estrangeiro, além do além que segue convocando e exigindo novos sentidos numa tessitura sem fim. Insistência do estranho mais íntimo, recusa da ordem burocrática ou tirânica, renovação da poesia. Ordem e desordem. Construção e desconstrução. Conhecimento e desconhecimento. Entrelaçados, desdobrados, sem oposições claras como acima pobremente exposto. Um caleidoscópio palimpséstico palinódico. Uma complexidade que só com poesia é possível harmonizar, mas numa harmonia que re-vela e instaura novo/mesmo enigma. Assim, no instante seguinte, nos espíritos mais angustiados e simples, vem a poesia re-velar nova verdade a partir da estranheza que chega.

Os deuses freudianos habitam o neurônio, mas o neurônio poético do *Projeto* que constitui como poesia um mito e uma re-velação. O que da alma permanece eternamente? Talvez, e apenas talvez, a possibilidade infinita de criar, nesse espaço que é qualquer coisa de intermédio, nessa brisura do meu e do de outro, nessa armação complexa e aberta ao infinito. O poético porta esse infinito que permanece, “que seja inifinito enquanto dure”, esse sentir que habita e dá casa ao coração humano, esse peito cujo ruído bombástico atordoia na absurdidade desse músculo que bate incessante até a morte. O que permanece são as formas de habitar na sua medida mais íntima e visceral, ali onde o sublime nos arrebatava e re-vela a dor de não saber, o desespero de morrer, mas antes e com tal zelo, o prazer de amar e a luta por alguma liberdade numa existência marcada por tantos mistérios e limitações.

Sempre me causou pasmo o momento em que uma poesia emerge, não apenas na minha experiência, mas como relatado por outros poetas. É um momento de erupção. A poesia surge pronta – mesmo que se leve anos escrevendo-a depois. Minha impressão sempre foi de que, até esse momento da criação brotar, houvesse acontecido, durante um longo tempo, não cronometrável, um tempo atemporal pelo seu caráter vinculado a um processo inconsciente, uma

gestação. Provavelmente uma gestação envolvendo várias fecundações, oriundas de diferentes pasmos originários, diferentes estranhezas nos encontros de uma trajetória de vida, de traços e arquivos sujeitos aos mais variados percursos **históricos** – recalque, supressão, conversão, deslocamento, encriptamento etc. A poesia seria uma espécie de expressão primordial desses encontros com o sem palavra inteira, com o silêncio do mais visceral mesmo outro em mim, desses traços originários de cada um e de todos nós. Um processo de tecedura, de renovação para uma re-velação no momento de concluir a licença poética. Licença poética iniciada no inconsciente, filha da ignorância, da lógica limitada e do recalque da **verdade** mais íntima, sentimentos e sensações tão profundos e estrangeiros que o discurso predominante do Eu consciente não alcançaria, espécie de além que insiste em seguir chegando. Nesse sentido, a poesia guarda uma relação direta com o inconsciente na sua dimensão que não se esgota nas estruturas da linguagem ou na suposição de uma estrutura fechada. Uma vez mergulhado nessa rede, afetado pelas vicissitudes da existência e do mais profundo do corpo, o bicho homem não tem como circunscrever os caminhos de sua existência por nenhum modo de pensamento, epistemológico ou moral. A poesia é a licença para caminhar. É o próprio modo desse caminhar que segue trilhando em disseminação imprevisível, mesmo no seio da mais compulsória destinação.

Quando se trata de achar e não de procurar, a poesia é a própria fonte do conhecimento e da verdade. Um conhecimento verdadeiro para a ação e o viver, não necessariamente um conhecimento teórico e passível de análises rigorosas, uma verdade que, de saída, recusa a entificação e a epistemologia. Pode-se reconhecer as voltas infundáveis de um pensamento obsessivo cuja equação, nos labirintos matemáticos, nunca se fecha, nunca conclui porque usa um instrumento de medida que não toca o objeto poético, esse objeto impossível que recusa o pensamento conceitual, mas que dentro do pensamento conceitual possibilita seu avanço!

O jogo que permite um habitar e um agir depende da poesia que se funda no brincar, justamente ali onde as regras do pensamento lógico e do rigor científico moderno podem ser rompidas em prol de uma felicidade, de um

encontro mais doce e prazeroso com a morte que existe em todos nós. Assim, a poesia é que nos dá a saída para o viver, pois a partir de um lugar muito arcaico ela nos alicerça quando a crueldade e o impossível, nosso e do outro, impera. Se a ciência e seus desenvolvimentos podem salvar vidas – tanto quanto tirá-las –, a poesia estrutura o próprio viver com sua carta em movimento.

A poesia é uma costura. Desvela, desoculta através de uma nova ocultação. Ter uma escuta poética não é maravilhar-se com o imaginário rico de quem fala, tampouco reforçar o que está ‘bem inscrito’ nas tramas do simbólico, mas sim escutar aquilo que rasgou a costura, esse tecido protetor e que remete o sujeito à questão das origens e do fim, da terra e do mundo no dizer de Heidegger, remete-nos a própria questão do existir. E isso não acontece sem angústia. Dessa estranheza emerge uma verdade re-velada, isto é, uma verdade que novamente oculta. A poesia opera uma verdade no ato criativo que a caracteriza como palavra que é ato inaugural, a cada vez, a cada chegada do impossível, sem que a memória possa ser a verdade efetiva de uma história consciente e factual, sem que o memorizar possa ser o conhecimento da história, sem que a representação possa ser a coisa mesma, sem que se estabeleça o UM, mas configurando seus infundáveis desdobramentos e tornando nosso habitar menos assombrado. O bicho homem insistirá no contar sua história e a poesia perseverará no esforço de lhe oferecer novos véus para o impossível, e novas imagens para seu mundo. Freud, como grande cientista ampliou o campo do nosso entendimento racional e, simultaneamente e caleidoscopicamente, como grande poeta enriqueceu nossa compreensão da vida fornecendo novas imagens, ou mesmo mitos, ou ainda *caratteres* na terminologia viconiana, para alicerçarmos nossa existência fora da transcendência dogmática, mas também fora do absurdo ou do niilismo que remete toda absurdidade do existir ao furo ou ao nada. O furo, como carta, já porta a poesia e sendo assim já é reenvio e possibilidade de re-velação. Assim, futuros leitores quiçá saberão dessa carta que agora lacro e assino, e cuja origem seguirá re-velando-se a cada leitura.